

Plano Geral de Trabalho

Etapas para o 4º ano de Catequese
«Tens Palavras de Vida Eterna»

Setembro	Encontro Introdutório		
Mês	Etapa	Tema	Tempo (datas)
	1	Somos testemunhas de Cristo	1 2 3 4
	2		1 2 3 4
	3		1 2 3 4
	4		1 2 3 4
	5		1 2 3 4
	6		1 2 3 4
	7		1 2 3 4
	8		1 2

			3	
			4	
	9		1	
			2	
			3	
			4	

Encontro Introdutório:

Avaliar para prosseguir

Objetivo:

- Partilhar a vivência em família do período de férias: como viveram as experiências dos sacramentos da reconciliação e da eucaristia?
- Avaliar a caminhada realizada ao longo do segundo ano de catequese;
- Programar o quarto ano de catequese e as propostas de diálogo em família.

Planificação:

Este encontro deve acontecer num dos domingos (ou sábados) que antecedem o início da catequese. Realiza-se nos mesmos moldes de um *Domingo em Família*: os pais têm o seu encontro, coordenado pelo(a) Animador(a) Familiar, e os filhos o seu, coordenado pelo(a) Catequista, terminando com a Eucaristia da comunidade.

No **encontro dos pais** faz-se uma avaliação da caminhada feita (com um esquema semelhante ao do ano anterior) e a programação do novo ano catequético.

Critérios para avaliação e partilha entre pais

Encontro de pais:

- O que é que te tocou mais e consideras mais útil nos encontros de pais?
- Como evoluiu do primeiro para o segundo ano?
- Que expectativas têm os pais para este ano (ano da Primeira Comunhão)?

Diálogo em família:

- O que é que mais gostaste no momento do diálogo em família?
- Que questões ficaram em aberto?
- Como fomos aprofundando este momento?
- Se alguém não viveu ainda o momento em família, o que pensa deste momento?

Catequese na paróquia:

- Como é que os vossos filhos estão a viver o seu momento de catequese?
- O que é que vos contaram em casa dos encontros em grupo, na comunidade de fé?
- Os pais observam como os filhos crescem «em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.» (Lc 2, 52)?

A avaliação:

- É realizada em pequenos grupos para que todos possam intervir. Um elemento de cada grupo (secretário) toma nota das ideias e opiniões partilhadas para as apresentar em assembleia.

O Animador:

- prepara uma folha, cartaz ou projeção com as perguntas (as que referimos acima podem ser adaptadas e ampliadas) a partir das quais o grupo fará a sua avaliação;
- indica e supervisiona o tempo gasto com o trabalho de grupos (30-45 min.);
- toma nota dos aspetos positivos e negativos que são apontados para cada momento do itinerário, assim como das sugestões para os melhorar;
- no final, ajudará o grupo a perceber os pontos fortes da sua dinâmica e a encontrar eventuais soluções para os pontos mais débeis e possíveis tensões. Portanto, a *avaliar para prosseguir*.

No final, o Animador recomenda aos pais que, em função do diálogo a realizar em casa, devem preparar os filhos para uma caminhada de mais um ano, apresentando-lhes o Catecismo 3 e conversando com eles sobre a primeira catequese: «De novo juntos com Jesus».

Preparação:

Aproveita-se a ocasião para fazer algumas recomendações aos pais, entregar o material, etc.

As reflexões feitas podem dar origem a uma *oração dos fiéis* a ler durante a missa **que se segue. Os pais também podem combinar entre eles quem poderá ler as leituras** na missa. No final, o(a) Animador dá sugestões e ajuda os pais a prepararem o primeiro *Diálogo em Família*.

Encontro das crianças

Enquanto decorre o encontro dos pais, o Catequista prepara com as crianças um gesto significativo para a Eucaristia. Por exemplo, as crianças podem preparar o momento de entronização da Palavra, com gestos simples: uma pequena procissão seguindo o evangeliário (uns podem levar as velas, outros as flores, etc.); uma *Aleluia* cantada e, até mesmo, acompanhada de gestos ou de palmas; durante a proclamação do evangelho, as crianças podem colocar-se em frente do ambão com as mãos abertas como sinal de quem quer acolher a Palavra.

O **Celebrante**, no momento da homilia, pode fazer uma referência explícita ao caminho feito por estas famílias. Um caminho marcado pela escuta da Palavra. Anunciar uma nova etapa (novo ano) e desafiar outras famílias a experimentarem.

1ª Etapa: Somos testemunhas de Cristo

Semana	Pais (na paróquia)	Filhos (na paróquia)	Família (em casa)
OUTUBRO			
1ª			<i>Re-unidos no amor de Cristo</i> (cat. 1)
2ª	<i>«Tens Palavras de Vida Eterna»</i> Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família <i>Re-unidos no amor de Cristo</i>	
3ª			«Sereis minhas testemunhas» «Ficaram cheios do espírito santo» (cat. 2 e 3)
4ª Domingo em família A família na família cristã vivendo o Dia do Senhor	Reunidos no amor de Cristo, os discípulos são enviados pelo Espírito Santo como mensageiros da Boa Nova da sua morte e ressurreição. Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família. «Sereis minhas testemunhas» «Ficaram cheios do espírito santo»	

1ª Etapa:

A nossa família é chamada a viver e anunciar Jesus Cristo

Objetivo:

Ao longo desta etapa a família, para além de relembrar os encontros desde a primeira hora, procura:

- Conhecer o encontro dos Apóstolos com Cristo ressuscitado.
- Descobrir que os Apóstolos recebem a missão de anunciar o seu Evangelho até aos confins da terra.
- Tomar consciência de que, na catequese, é Cristo quem nos reúne com Deus e uns com os outros;
- Verificar que tanto este encontro como a missão que dela decorre, são fundamentados na Palavra de Deus escrita antes do nascimento de Cristo, o Antigo Testamento.
- Compreender que a família, como cada um dos seus membros, é chamada a viver e anunciar Jesus Cristo.
- Inserir os encontros da catequese na vida da Igreja, principalmente com a celebração da Eucaristia;
- Dispor-se a acolher, com fé, a Palavra de Deus na vida de cada um.

Leitura integrada:

No guia do Catequista «Tens Palavras de Vida Eterna», pp.55-70.

No Catecismo da Criança «Tens Palavras de Vida Eterna», pp.9-12.

1ª Semana

Diálogo em família (preparado no encontro introdutório)

Este diálogo em família é devidamente preparado com os pais, no final do encontro introdutório (para a programação do novo ano). Talvez já não seja preciso relembrar que aquele lugar «especial», onde em casa se encontra a Bíblia e onde acontecem as celebrações familiares, deve estar devidamente preparado... Os pais podem trocar impressões sobre que atualizações desejam fazer-lhe.

A família (pais e filhos) vai recordar a visita e oração feita na igreja em que as crianças fizeram a Primeira Comunhão, com base na catequese 29 do Catecismo 3: «*O Santíssimo Sacramento da Eucaristia*». A forma como cada um viveu os sacramentos da reconciliação e da eucaristia é abordado entre todos.

Algumas ideias sobre como aprofundar esta experiência – por exemplo, lendo em casa o Evangelho de cada Domingo, antes de sair para a Missa; ou esforçar-se por

integrar na oração diária a oração do Anjo de Portugal¹ – podem ser debatidas e o compromisso assumido anotado num cartão que as crianças decorarão antes de ser colocado junto da Bíblia. Também pode ser refletida a oportunidade de convidar algum familiar ou amigo a acompanhá-los à Missa.

2ª Semana

Na Paróquia

O primeiro encontro é, como se vai tornando familiar, para avaliar a caminhada anterior que teve como ponto alto, a Comunhão das crianças, aprofundando também o Encontro Introdutório: afinal, as famílias caminham juntas há já três anos, muitas experiências foram vividas em conjunto – na vida quotidiana, na relação entre adultos, na educação dos filhos, na aproximação e integração dos avós e padrinhos, nas etapas da vida em comunidade...– há já um património humano e religioso construído em conjunto. Muitos acontecimentos belos e felizes balizaram estes anos mas também muitas dificuldades foram partilhadas, soluções apontadas, pesos e desgostos divididos...Entretanto, os filhos estão mais velhos, mais capazes, mais independentes, mais questionadores... tanta matéria para colocar em comum, debater, fazer planos...

Talvez ainda mais do que em anos anteriores, esta primeira experiência de «estar juntos» pode ser determinante para todos os outros encontros sucessivos e abrir para o grande sentido do «encontro»: do grupo, da família, com Jesus na catequese e na Eucaristia. A maturidade do grupo – com a sua evolução e aprendizagens, o peso dos desacordos e dos acontecimentos vitais que foram marcando cada um e cada família – eventualmente dolorosos e complexos – pede uma oração em profundidade, uma reflexão intensa, uma partilha humilde, um compromisso sério com a catequese, uma proximidade intensa com a Palavra de Deus.

I. Encontro de Pais:

«Tens Palavras de Vida Eterna»

EXPERIÊNCIA HUMANA

Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

¹ “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”.

"Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.”

Em pequenos grupos, os pais, sobretudo os casais, partilham a sua experiência de leitura, escuta ou meditação da Palavra: quais os momentos de maior contacto com a Palavra; como e quando começaram a ler a Bíblia; como o fazem e com que frequência; que significou lê-la e aprofundá-la na catequese com os filhos?

Que relação encontramos entre Palavras e Vida? O que é que favorece uma verdadeira comunicação?

REFLETINDO

Em assembleia: partilha e aprofundamento – 20 min.

Após os grupos apresentarem, em plenário, a partilha dos pais, o(a) Animador(a) abre para um sentido mais profundo do título do catecismo «Tens Palavras de Vida Eterna» e sobre o caminho que aguarda pais e filhos:

“Que palavras!

Não será exigir demais das crianças, tão tenras na sua idade e, consequentemente, sem a necessária capacidade de compreensão? Que poderão elas entender, ou vir a entender, da vida eterna? Se até para os adultos isso é tão difícil, mesmo para os mais instruídos!

O título do catecismo é tirado de **Jo 6, 68**. Trata-se da resposta de Pedro, em nome dos restantes Apóstolos, ao discurso de Jesus acerca do verdadeiro Pão da Vida, por Ele proferido, na sequência do milagre da multiplicação dos pães (6, 1ss).

Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que hei de dar é a minha carne, pela vida do mundo (6, 51), perante tal reivindicação de Jesus, antes e depois desenvolvida, os discípulos tomam duas posições opostas: muitos deles, escandalizados, *voltaram para trás e já não andavam com Ele* (6, 66); uma debandada de que os Doze não partilham. Dizem os primeiros: *Dura é esta palavra! Quem a pode escutar?* Os Doze, porém, respondem ao desafio de Jesus – *Também vós quereis ir embora?* – com a decisão e confissão de fé: *A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Por isso, nós cremos e (re)conhecemos que Tu és o Santo de Deus* (6, 67-69).

O que está em questão é, portanto, a incredulidade ou a fé. E esta última consiste em “crer” e “(re)conhecer”: “Crer”, no sentido de confiar-se, entregar-se totalmente a quem se dá a “conhecer”, como alguém que promete e garante aquela segurança e firmeza tão necessárias à vida, tantas vezes e de tantos modos, ameaçada, destruída.

É assim que o Catecismo da Igreja Católica (142-143) resume os dois movimentos – de Deus para o homem e deste para Deus – neste processo de adesão de fé:

– *“Pela sua revelação, «Deus invisível, na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele» (DV 2). A resposta adequada a este convite é a fé.*

– *Pela fé*, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador. A Sagrada Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador.”

Quer isto dizer que as palavras com que Deus se revela são já, nomeadamente em Jesus, seu Filho Unigénito, e no dizer deste, *espírito e vida* (Jo 6, 63). Isto é, transmitem o hálito vital (conforme o sentido etimológico e original do termo “espírito” – cf. Gn 2, 7), sem o qual não podemos viver. Uma transmissão não apenas ao intelecto, mas também, tantas vezes muito mais, à vontade e ao sentimento. Vejamos como isso acontece já ao nível da comunicação inter-humana, com o que se pode chamar:

Palavras de vida

Toda a comunicação verbal, escrita ou oral, tem a ver com a vida. Quando falo e/ou escuto, estabeleço aquela relação com outro(s), sem a qual não posso viver, como ser essencialmente social que sou. Nem que seja para transmitir uma simples notícia. Mesmo neste caso, dou algo de meu – do que (só eu) conheço – e que faz parte da minha vida. E a vida daqueles a quem a dou modifica-se com a notícia que transmito. E, por vezes, de que maneira!

É uma vitalidade das palavras que aumenta na medida da vitalidade e autoridade de quem as profere. Por exemplo, a sentença de um juiz, no exercício das suas funções, é sempre determinante para a vida da pessoa a quem ela se destina: para a sua liberdade ou perda dela, com todas as consequências vitais a ela associadas. E isto, com uma simples declaração de inocência ou culpabilidade!

Mas a autoridade e vitalidade daquele que fala não lhe vem apenas do poder, oficial e público, em que está instituído. Longe disso. Quantas pessoas há nessas funções, às quais se nega toda a credibilidade! E se é aceite o que dizem, é porque não há outro remédio. Obedecemos-lhes exteriormente por dever ou conveniência, mas no nosso íntimo não nos convencem. Que lhes falta então para que as suas palavras sejam verdadeiramente eficazes, geradoras de vida, a todos os níveis?

Reparemos nas pessoas que habitualmente escutamos de melhor grado e cujas palavras mais nos tocam e transformam. Variam, muitas vezes de acordo com as circunstâncias em que as escutamos. Na escola ou no ensino em geral, por exemplo, damos muito mais ouvidos a quem sabemos, por outros ou por experiência própria, ser verdadeiramente perito nos temas que transmite. Mas, mesmo nesses casos, a sua autoridade pode ser perturbada e até destruída, pelo modo como ensina e/ou trata aqueles a quem se dirige. Tentamos acolher o que nos diz. Mas, sem acolhermos quem o diz, até o que é dito nos custa aprender, mesmo que seja correto e útil.

A comunicação só é perfeita, quando, de parte a parte, há simpatia, no sentido etimológico de capacidade comprovada para “padecer com”. Quando aquilo que ouvimos ou lemos é parte e expressão de uma sintonia de apreço e amor, recebido e retribuído, então sim: somos todo ouvidos e olhos e coração para quem nos fala ou escreve. E obedecemos-lhe, isto é, submetemo-nos, livremente e de bom gosto, ao que

ouvimos e a quem ouvimos (conforme a origem latina de “obedecer” = *obaudire*). Submetemo-nos, porque, na prática, essa pessoa já se submeteu a nós, pelas palavras que nos diz e tantas outras manifestações de amor com que nos oferece a sua vida – para a nossa vida, que pode ir adquirindo dimensões de vida eterna, pelo menos com Deus e seu Filho Jesus Cristo cujas palavras são, por isso, verdadeiras...

Palavras de vida eterna

Escreve o Papa Bento XVI (em SS 12), depois de uma longa exposição sobre os limites da compreensão e linguagem humana, que *a vida eterna “seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe.”* Eternizar este amor, que, embora apenas a conta-gotas, já podemos experimentar na vida terrena e nela nos oferece os momentos mais saborosos... alargá-los para lá de todos os limites do tempo e do espaço é o que, consciente ou inconscientemente, todos mais desejamos.

E Cristo, o que faz é abrir-nos o caminho para isso e oferecer-nos os meios e as energias para o percorrermos: o caminho de um amor ilimitado, por Ele percorrido desde a sua encarnação, como verdadeiro *pão descido do Céu* (Jo 6, 32-51), até à sua morte e ressurreição, em que deu totalmente *a sua carne pela vida do mundo* (6, 52-57), de tal modo que *quem come deste pão viverá eternamente* (6, 58).

Estas são, entre outras, as palavras que Pedro classifica de vida eterna, porque provenientes de quem tem a vitalidade e a autoridade comprovadas por um amor ilimitado, um amor à medida de Deus.

E é destas e outras Palavras de Cristo, *o Santo de Deus* (Jo 6, 69), que os pais são chamados a ser transmissores em cada encontro da catequese. Terão os filhos capacidade suficiente para as compreender? Depende de muitos fatores: entre eles, e talvez acima de tudo, dos próprios pais (e com a ajuda dos catequistas). Se são, como temos vindo a perceber, palavras a que se tem acesso apenas pela via da fé, **uma fé que nasce do amor e conduz ao amor**, então é óbvia a importância da fé dos pais, as pessoas mais significativas na vida das crianças. Se os pais procurarem exprimir às crianças, por palavras e ações, o que eles próprios vivem e manifestam, nomeadamente, na dedicação com que se entregam um ao outro, à família, à educação das crianças e à catequese, muito do trabalho já estará feito...

Neste contexto, poderão as crianças não perceber, racionalmente, todo o alcance significativo das palavras que ouvem ou leem ou até que dizem, designadamente as que formam o título desde catecismo. Mas experimentarão já o que elas significam: não apenas e nem tanto pela via do intelecto, como principalmente *pelo coração*, onde tantas vezes imperam razões que a razão desconhece, como quase sempre acontece no amor.

É um amor que pode implicar, para os pais e demais educadores, sacrifícios, renúncias e capacidade para se expor a incompreensões e fracassos. Mas é exatamente nisso que

este amor cresce e se fortalece ... até ganhar a dimensão de vida eterna, para o próprio e para quem dele usufruir: pais e filhos, catequistas e catequizandos, avós e netos,»

Guia do Catequista, pp. 55-58 (adaptado).

ILUMINADOS PELO EVANGELHO

Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 15 min.

Lê-se *Lc 24, 13-35*.

“Nesse mesmo dia, dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera. Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. Disse-lhes Ele: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos. E um deles, chamado Cléofas, respondeu: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias!» Perguntou-lhes Ele: «Que foi?» Responderam-lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; como os sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram, para ser condenado à morte e crucificado. Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas. É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados, porque foram ao sepulcro de madrugada e, não achando o seu corpo, vieram dizer que lhes apareceram uns anjos, que afirmavam que Ele vivia. Então, alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas, a Ele, não o viram.»

Jesus disse-lhes, então: «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?» E, começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito.

Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo: «Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso.» Entrou para ficar com eles. E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença. Disseram, então, um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»

Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros, que lhes disseram: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!» E eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão.”

Este é um relato muito belo, em que facilmente nos revemos nos discípulos, tristes e amargurados, porque o desânimo é uma experiência muito humana. No episódio que escutamos, a grande promessa do Cristo tinha soçobrado... faz-se uma caminhada dura, triste, na esteira do Calvário onde o Mestre foi crucificado e morreu. Que decepção! Mas eis que alguém se aproxima, disponível para escutar, para acolher o desalento e o cansaço daquele dia terrível; tudo parecia prosseguir tão bem e, quase de um momento para o outro, sentiam-se inundados de desgosto. Mas o caminhante ouve, ajuda a refletir, a colocar os acontecimentos e as emoções em perspectiva, usando as Escrituras e a voz dos profetas. E quando Jesus se senta com eles à mesa e parte o pão, a inteligência dos discípulos clarifica-se, as ideias estruturam-se, as emoções são produtivamente encaminhadas.

A Palavra (que Jesus explica no caminho) e a Eucaristia (quando Jesus se senta à mesa, abençoa, parte e entrega o Pão) revelam o seu poder reconstrutor, são as experiências privilegiadas em que Jesus Ressuscitado se manifesta no coração e na inteligência de cada pessoa.

O que a Palavra me diz?

Quando sofro, quando estou desalentado, quando me sinto «no escuro», deixo que Jesus caminhe a meu lado? Aceito o seu convite para estar comigo? Procuro a força reconstrutora da Palavra e da Eucaristia? Percebo que Ele caminha a meu lado com o passo vivo do Ressuscitado? Partilho a alegria deste encontro com os outros?

E será que me sento à mesa com Jesus?

A escuta e a meditação da Palavra na catequese é muito importante, mas não é suficiente para nos sustentar na extraordinária aventura que é a nossa vida de adultos ... Como aqueles dois discípulos: de que modo é que Jesus se lhes deu a conhecer? ... Como na Missa, que tem duas partes. Na primeira parte – Liturgia da Palavra – ouvimos a Palavra de Deus. E se formos capazes de nos sintonizar com a Palavra, também nos começa a arder o coração, como àqueles dois discípulos, pois na Bíblia é Deus e Jesus que nos falam. Mas, ainda assim, para conhecer bem Jesus, para sentirmos o seu amor extraordinário, precisamos da segunda parte da Missa, da Liturgia Eucarística. Eucaristia significa “Ação de graças”. E é, dando graças a Deus, que Jesus se torna presente com o seu Corpo, entregue por nós, e o seu Sangue, derramado por nós. E nós podemos comungar este amor maravilhoso de Jesus. Para quê?

Voltemos aos discípulos: Que fizeram, logo depois de se encontrarem com Jesus?... Voltaram imediatamente para Jerusalém, para darem aos outros a grande notícia do encontro com Jesus ressuscitado e conviverem com eles. Como neste nosso grupo, é Jesus quem nos reúne. Reunimo-nos no amor de Cristo. Para quê? Para aprendermos mais coisas dele e partilharmos a nossa alegria e o nosso amor. Quem experimenta o amor de Jesus, quer saber mais dele e sobre Ele.

O Animador sugere como leitura e reflexão para casa:

“2. O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.

3. Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, **a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo** ou, pelo menos, **a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar**. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído». Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: «Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redtores». Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca Se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar «setenta vezes sete» (*Mt* 18, 22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fuçamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante!

4. Os livros do Antigo Testamento preanunciaram a alegria da salvação, que havia de tornar-se superabundante nos tempos messiânicos. O profeta Isaías dirige-se ao Messias esperado, saudando-O com regozijo: «Multiplicaste a alegria, aumentaste o júbilo» (9, 2). E anima os habitantes de Sião a recebê-Lo com cânticos: «Exultai de alegria!» (12, 6). A quem já O avistara no horizonte, o profeta convida-o a tornar-se mensageiro para os outros: «Sobe a um alto monte, arauto de Sião! Grita com voz forte, arauto de Jerusalém» (40, 9). A criação inteira participa nesta alegria da salvação: «Cantai, ó céus! Exulta de alegria, ó terra! Rompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo e se compadece dos desamparados» (49, 13). Zacarias, vendo o dia do Senhor, convida a vitoriar o Rei que chega «humilde, montado num jumento»: «Exulta de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti. Ele é justo e vitorioso» (9, 9). Mas o convite mais tocante talvez seja o do profeta Sofonias, que nos mostra o próprio Deus como um

centro irradiante de festa e de alegria, que quer comunicar ao seu povo este júbilo salvífico. Enche-me de vida reler este texto: «O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa» (3, 17). É a alegria que se vive no meio das pequenas coisas da vida quotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai: «Meu filho, se tens com quê, trata-te bem (...). Não te prives da felicidade presente» (*Sir* 14, 11.14). Quanta ternura paterna se vislumbra por detrás destas palavras!

5. O Evangelho, onde resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria. Apenas alguns exemplos: «Alegra-te» é a saudação do anjo a Maria (*Lc* 1, 28). A visita de Maria a Isabel faz com que João salte de alegria no ventre de sua mãe (cf. *Lc* 1, 41). No seu cântico, Maria proclama: «O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador» (*Lc* 1, 47). E, quando Jesus começa o seu ministério, João exclama: «Esta é a minha alegria! E tornou-se completa!» (*Jo* 3, 29). O próprio Jesus «estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo» (*Lc* 10, 21). A sua mensagem é fonte de alegria: «Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa» (*Jo* 15, 11). A nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante. Ele promete aos seus discípulos: «Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria» (*Jo* 16, 20). E insiste: «Eu hei de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (*Jo* 16, 22). Depois, ao verem-No ressuscitado, «encheram-se de alegria» (*Jo* 20, 20). O livro dos Atos dos Apóstolos conta que, na primitiva comunidade, «tomavam o alimento com alegria» (2, 46). Por onde passaram os discípulos, «houve grande alegria» (8, 8); e eles, no meio da perseguição, «estavam cheios de alegria» (13, 52). Um eunuco, recém-batizado, «seguiu o seu caminho cheio de alegria» (8, 39); e o carcereiro «entregou-se, com a família, à alegria de ter acreditado em Deus» (16, 34). Porque não havemos de entrar, também nós, nesta torrente de alegria?

6. Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa. Reconheço, porém, que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados. Compreendo as pessoas que se vergam à tristeza por causa das graves dificuldades que têm de suportar, mas aos poucos é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias: «A paz foi desterrada da minha alma, já nem sei o que é a felicidade (...). Isto, porém, guardo no meu coração; por isso, mantenho a esperança. É que a misericórdia do Senhor não acaba, não se esgota a sua compaixão. Cada manhã ela se renova; é grande a tua fidelidade. (...) Bom é esperar em silêncio a salvação do Senhor» (*Lm* 3, 17.21-23.26).”

Papa Francisco,
Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 2-6.

Segue-se um momento de oração, que parte do relato de Emaús:

“Guiados por Maria, fixamos os olhos em Jesus Cristo, autor e consumidor da fé e dizemos a Ele com o Sucessor de Pedro:

Fica connosco, Senhor, acompanha-nos, ainda que nem sempre tenhamos sabido reconhecer-te.

Fica connosco, porque ao redor de nós as sombras vão-se tornando mais densas, e tu és a Luz; em nossos corações se insinua a desesperança, e tu os fazes arder com a certeza da Páscoa. Estamos cansados do caminho, mas tu nos confortas na fração do pão para anunciar a nossos irmãos que na verdade tu ressuscitaste e que nos deste a missão de ser testemunhas de tua ressurreição.

Fica connosco, Senhor, quando ao redor de nossa fé católica surgem as névoas da dúvida, do cansaço ou da dificuldade: tu, que és a própria Verdade como revelador do Pai, ilumina nossas mentes com tua Palavra; ajuda-nos a sentir a beleza de crer em ti.

Fica em nossas famílias, ilumina-as em suas dúvidas, sustenta-as em suas dificuldades, consola-as em seus sofrimentos e no cansaço de cada dia, quando ao redor delas se acumulam sombras que ameaçam sua unidade e sua natureza. Tu que és a Vida, fica em nossos lares, para que continuem sendo ninhos onde nasça a vida humana abundante e generosamente, onde se acolha, se ame, se respeite a vida desde a sua concepção até seu término natural.

Fica, Senhor, com aqueles que em nossas sociedade são os mais vulneráveis; fica com os pobres e humildes, ...que nem sempre encontram espaços e apoio para expressar a riqueza de sua cultura e a sabedoria de sua identidade.

Fica, Senhor, com nossas crianças e com nossos jovens, que são a esperança e a riqueza do nosso Continente, protege-os de tantas armadilhas que atentam contra sua inocência e contra suas legítimas esperanças.

Ó Bom Pastor, fica com nossos anciãos e com nossos enfermos! Fortalece a todos em sua fé para que sejam teus discípulos e missionários!»

V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe,
Aparecida, 13-31 de maio de 2007, 554.

No final, o(a) Animador(a) dedica algum tempo para dar sugestões aos pais sobre o *Diálogo em Família* na semana seguinte, seguindo o *Guia dos Pais*, pp. 15-20.

Depois, os pais reúnem-se com os filhos para a entrega do portfólio «A Palavra de Deus na minha vida».

II. Catequese das crianças: Re-Unidos no amor de Cristo

O(a) Catequista, depois do acolhimento adequado para esta ocasião de início do Ano catequético, começa por provocar as crianças a partilharem o que aconteceu no *Diálogo em Família*. Desta forma, o encontro começa pela recordação e vivência da experiência catequética mais relevante do ano anterior: a *celebração da sua Primeira Comunhão*. Pode organizar um jogo para ajudar as crianças a recuperar o que aprenderam nas catequese contempladas nas etapas 8 e 9 do catecismo 3, de índole mistagógica, que partem da análise do rito sacramental e da experiência do mesmo.

Em seguida, o(a) Catequista faz a primeira catequese, «Re-Unidos no Amor de Cristo» (*Guia do Catequista*, pp.55-70).

Sendo um dos objetivos principais desta segunda fase da catequese clarificar, aprofundar e fortalecer a fé e a prática cristã que as crianças já vão tendo, propõe-se, nestes primeiros encontros, que o catequista estabeleça uma ligação com temas dos anos anteriores:

- Pelo cântico proposto na Experiência Humana e conhecido desde o segundo ano;
- Pela saudação de teor litúrgico com que culmina essa mesma Experiência Humana e que é familiar às crianças, principalmente a partir da sua vivência da Eucaristia (3º ano);
- Pelo texto bíblico, proclamado e refletido na Palavra e relacionado com a celebração eucarística (catequese 24 do 3º ano);
- Pelo Mapa da Vida Cristã, entregue às crianças no final do ano anterior, para nele registarem a sua caminhada cristã nas férias que antecederam este primeiro encontro.

Depois da Expressão de Fé, mas integrado na catequese, o catequista – tendo chamado os pais a participar – mostra às famílias o portefólio “A Palavra de Deus na minha vida”, as respetivas folhas e explica, conforme se indica no Guia do Catequista, como as crianças irão escrever «o seu livro» sobre o grande Livro da Palavra de Deus. Se for oportuno, pode ensaiar-se uma estratégia semelhante para os pais ou, de preferência, indicar que as tarefas, embora dirigidas às crianças, serão realizadas por toda a família.

O Animador e o Catequista sublinham a importância de os pais seguirem, no catecismo, as notas «Em Família», enriquecendo a formação catequética familiar.

3ª Semana

Diálogo em Família

«Sereis as minhas testemunhas/Ficaram cheios do espírito santo»

Acompanhar a explicação com a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 21-27.

Em casa, os pais vão ajudar as crianças a descobrir como Cristo ressuscitado enviou os discípulos com a missão de anunciarem o Evangelho e procurarão que as crianças aprendam a acolher as palavras de Cristo, pelo louvor e, na medida das suas – pequenas mas válidas – possibilidades, se disponham a colaborar no testemunho de Cristo. Para tal, devem abrir-se aos dons do Espírito Santo, designadamente através da Palavra de Deus, compreendendo que o anúncio do Evangelho se deve à ação do Espírito Santo, enviado por Cristo glorioso. Como atitude a desenvolver, os pais ensinarão as crianças a confiar-se ao poder vivificante do Espírito Santo, nomeadamente através da oração.

Esta catequese é a continuação da anterior: **reunidos no amor de Cristo, os discípulos são enviados como mensageiros da Boa Nova da sua morte e ressurreição**. Daí que, aos nomes das crianças, se juntem os nomes de outras pessoas, especialmente ligadas às crianças. O relevo dado aos Apóstolos justifica-se pelo seu lugar único e incontornável na transmissão da Boa Nova de que nasceram a Igreja e os livros do Novo Testamento.

Dada a importância das palavras de envio, proferidas por Jesus, sugere-se que elas sejam (re)lidas pelas crianças e, depois, rezadas com o crucifixo, para estabelecer a ligação entre as condições de testemunhas, por parte dos discípulos, e o conteúdo do seu testemunho.

Para que as crianças se sintam conquistadas por este testemunho, acolhendo-o e colaborando nele, propõe-se que se façam transmissoras da experiência vivida, especialmente junto de alguém a quem se sintam ligadas, por razões cristãs. Insista-se para que registem a realização deste compromisso em mais uma folha com “A palavra de Deus na minha vida”. Depois, poderão compreender que os Apóstolos só podem pregar o Evangelho com a energia e a luz do Espírito Santo, enviado por Cristo elevado ao Céu. A leitura do texto bíblico é muito relevante.

4ª Semana

Domingo em Família

Somos discípulos de Cristo

Este encontro acontece na paróquia antes da Eucaristia. Simultaneamente, os pais e os filhos têm os seus encontros e preparam-se para participar de uma forma mais ativa (porque toda a participação deve ser ativa) na celebração eucarística da comunidade.

I. Encontro de Pais:

Reunidos no amor de Cristo, os discípulos são enviados pelo Espírito Santo como mensageiros da Boa Nova da sua morte e ressurreição.

No encontro dos pais, o(a) Animador(a) tendo presente que estes abordarão com os filhos, em casa, as catequese 2 e 3 do *Catecismo da criança*, «Sereis minhas

testemunhas» e «Ficaram cheios do Espírito Santo (Act 2, 4)» (pp. 13-20), vai ajudá-los a estruturar as suas ideias sobre como Cristo ressuscitado enviou os discípulos na missão em que nos envia também a nós, de anunciar o evangelho. Para tal, um cristão maduro – em idade e na fé – acolhe as palavras de Cristo também pelo louvor e dispõe-se, na condição da sua vida e da sua responsabilidade na sociedade, a testemunhá-lo. Independentemente dos seus dons pessoais e da sua cultural formal, deve aprender a abrir-se aos dons do Espírito Santo, designadamente através da Palavra de Deus, pois o verdadeiro anúncio do Evangelho deve-se à ação do Espírito Santo, enviado por Cristo glorioso, a quem nos confiamos pela oração.

EXPERIÊNCIA HUMANA

Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

Depois do acolhimento inicial, os pais, em pequenos grupos, refletem partindo do seguinte texto, que lhes é entregue fotocopiado:

“É o Espírito Santo quem confere «a identidade» ao cristão. Portanto — disse o Papa Francisco na homilia — «tu podes ter cinco diplomas em teologia mas não ter o Espírito de Deus». E «podes até ser um grande teólogo mas não és um cristão», porque «não tens o Espírito de Deus».

Deste modo, frisou, «muitas vezes encontramos entre os nossos fiéis velhinhas simples que talvez nem tenham terminado a escola primária mas que falam melhor do que um teólogo porque têm o Espírito de Cristo». Indicou o exemplo de são Paulo, que para as suas pregações eficazes não possuía referências académicas particulares — não tinha frequentado cursos de «sabedoria humana na Lateranense nem na Gregoriana», disse — mas falava em conformidade com o Espírito de Deus.

«Por duas vezes», relevou o Papa, no trecho do Evangelho de Lucas proposto pela Liturgia (4, 31-37) encontramos a palavra «autoridade». As pessoas «admiravam-se com o ensinamento de Jesus porque a sua palavra tinha autoridade», afirmou o Pontífice.

A pergunta é a seguinte: «Mas o que é esta autoridade de Jesus, este facto novo que fazia com que as pessoas se admirassem? Este modo diferente de falar e ensinar em relação aos doutores da lei?». A resposta é decisiva: «Esta autoridade — explicou o Papa — é precisamente a identidade singular e especial de Jesus». De facto, «Jesus não era um pregador comum, não ensinava a lei como os outros: fazia-o de modo diverso, novo, porque tinha a força do Espírito Santo».

«A liberdade, a identidade de Jesus, consiste na unção do Espírito Santo». E nós, exortou Francisco, podemos questionar-nos sobre qual é a nossa identidade de cristãos». Na primeira Carta aos Coríntios (2, 10-16), são Paulo explica: «Não falamos dessas

coisas com palavras doudas, de humana sabedoria, mas com aquelas que o Espírito ensina». E a este propósito o Pontífice realçou que «a pregação de Paulo» não brotou da «sabedoria humana» porque as suas palavras lhe foram «ensinadas pelo Espírito».

Resumindo, «o que dá a autoridade, o que dá a identidade é o Espírito Santo, a unção do Espírito Santo».

O Papa concluiu pedindo que o Senhor nos conceda «a identidade cristã, a que Tu tens: doa-nos o teu Espírito; doa-nos o teu modo de pensar, sentir, falar. Senhor, concede-nos a unção do Espírito Santo».”

Papa Francisco, Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Domus de Santa Marta, 2 de setembro de 2014, *Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 36 de 4 de Setembro de 2014.*

Questões para a reflexão: que ecos têm em mim as palavras do Papa Francisco? Já encontrei na minha vida exemplos de pessoas sem grandes estudos mas com uma enorme sabedoria de vida e de fé? Que me transmitiram? E eu, deixo-me guiar pelo Espírito ou acho que é apenas o meu conhecimento pessoal, a minha experiência, que me deve guiar na vida?

Para ajudar a aprofundar, pode ler-se o seguinte texto, projetá-lo ou apresentá-lo num cartaz que fique exposto:

«O silencioso hóspede da nossa alma» - assim chama Santo Agostinho ao Espírito Santo. Quem o quer sentir tem de fazer silêncio. Muito frequentemente, este hóspede fala baixinho em nós e connosco, porventura pela voz da nossa consciência ou através de impulsos interiores ou exteriores. Ser "templo do Espírito Santo" significa estar de corpo e alma disponível para este hóspede, para Deus em nós. Portanto, o nosso corpo é, em certa medida, a sala de estar de Deus. Quanto mais nos abrimos, dentro de nós, ao Espírito Santo, tanto mais Ele Se torna o mestre da nossa vida, tanto mais Ele nos concede os Seus Carismas, também hoje, para edificação da Igreja. Desta forma, crescem em nós, ao invés das obras da carne, os frutos do Espírito.»

You Cat 120.

O que significa, para nós, como batizados, sermos «templo do Espírito Santo»? Há algum momento, em particular, em que “sentimos” esta presença e ação do Espírito Santo?

REFLETINDO

Em assembleia: partilha e aprofundamento – 25 min.

Depois da partilha em plenário, o(a) Animador(a) leva os pais a tomarem consciência do papel do Espírito Santo na vida do cristão e a reconhecerem as muitas vezes que está presente nas suas vidas:

“O espírito

Neste caso está escrito em letra minúscula. É que este termo – antes e para além de ser aplicado à terceira pessoa da Santíssima Trindade – em sentido próprio e original, significa simplesmente o ar que respiramos, inspirando-o e expirando-o continuamente, num ritmo vital e vivificante. Sem ele, será “um ar que nos dá” – uma expressão indicativa de um acidente e das suas consequências. Geralmente é atribuída a um golpe de ar, mas que resulta na definitiva perda do ar e da vida que dele depende.

Mas, nem só de ar vive o homem. De entre as suas variadíssimas e complexas fontes de vida, intervém em **Act 2, 1-4**, além de *uma forte rajada de vento* (à letra, *um violento sopro que passa*), *uma língua, como de fogo*. O fogo, mesmo quando é usado mais para iluminar, nunca deixa de aquecer. Duas funções, geradoras de vida – veja-se o que entre nós se passa na primavera com o sol a brilhar mais tempo – a que se junta uma terceira, esta de efeito ambivalente: as suas chamas, sobretudo incontroladas, destroem e devastam; mas também é com elas que, por exemplo, os metais, mesmo os mais duros, se deixam purificar e moldar. E talvez seja por tudo isso que o fogo é associado à língua: fala-se em língua de fogo, devido principalmente à forma das chamas. Mas, porque não falar também do fogo da língua?

Tanto o grego *glossa* como o latim (e português) *língua* há muito deixaram de se aplicar ao órgão muscular – situado na boca e na faringe, responsável pelo paladar e auxiliar na mastigação e na deglutição – para exprimir também o que o ser humano produz com o seu contributo: sons articulados em palavras e frases, quase imprescindíveis para a comunicação interpessoal.

E nisso a língua tem um enorme poder criador, semelhante ao do fogo, como se escreve, por exemplo, em Tg 3, 5-6: *A língua é um pequeno membro e gloria-se de grandes coisas. Vede como um pequeno fogo pode incendiar uma grande floresta! Assim também a língua é fogo, é um mundo de iniquidade; entre os nossos membros é ela que contamina todo o corpo e, inflamada pelo Inferno, incendeia o curso da nossa existência*. Mas, acrescenta o mesmo autor, também *com ela bendizemos quem é Senhor e Pai* (3, 9).

Tudo depende de quem a usa: *A morte e a vida estão à mercê da língua; os que a amam comerão dos seus frutos* (Pr 18, 21) – sobretudo se esse amor vem do fogo e do hálito daquele a quem chamamos:

O Espírito Santo

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “Espírito Santo” já não é um simples símbolo, mas “o nome próprio d’Aquele que adoramos e glorificamos com o Pai e o Filho.” É

verdade que “Espírito e Santo são atributos divinos comuns às três Pessoas divinas. Mas, juntando os dois termos, a Escritura, a Liturgia e a linguagem teológica designam a Pessoa inefável do Espírito Santo, sem equívoco possível com outros empregos dos termos «espírito» e «santo»” (CIC 691).

Aliás, já S. Lucas, no citado texto de Act 2, 1-4, tem o cuidado de, ao apresentar os referidos símbolos do Espírito Santo, os fazer proceder do comparativo “como”. Quando lidamos com as realidades divinas, toda a linguagem humana é limitada. Daí o necessário recurso à simbologia: partimos de realidades experimentáveis – tanto mais, quanto mais são imprescindíveis para a nossa vida – para, através delas, “subirmos” para Aquele que, possuindo a vida em plenitude, a oferece a quem a Ele se confia.

É nesta relação de complementaridade entre o natural e o sobrenatural que se situa, também, o ar ou espírito, já em Gn 2, 7: depois de formar o ser humano (em hebraico, o *ádám*) do pó da terra (em hebraico, *adamá*), Deus insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o ser humano tornou-se num ser vivo. Proveniente de Deus, este sopro não pode ser apenas o hálito que mantém a nossa vida natural. A prova disso é que o ser humano, se rompe com Deus, desobedecendo às suas ordens, ficará sujeito à morte (Gn 2, 17), nomeadamente nas relações inter-humanas e com a natureza (Gn 3, 1ss).

E a sua vida, só em comunhão com o Criador, (re)adquire um sentido e uma energia que até pode transcender as suas capacidades naturais. De entre os inúmeros textos do AT que a isso se referem, podemos destacar o de Is 11, 1-2 acerca do futuro Messias, proveniente *do rebento do trono de Jessé*, o pai do grande rei ou ungido que foi David: *sobre ele repousará o Espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de temor do Senhor*. Toda uma série de dons do Espírito divino que capacitam este Messias, a quem é dado o significativo nome de Emanuel (Deus conosco), para um governo do povo que leva a uma paz que só em Deus é possível.

Para nós, cristãos, um sonho que começou a tornar-se realidade com Jesus de Nazaré, o *Deus conosco* (Mt 1, 23), no Reino de Deus por Ele anunciado e iniciado: também Ele ungido e movido pelo *Espírito do Senhor*, conforme nos é apresentado por S. Lucas, no início da sua vida pública, com a intervenção na sinagoga de Nazaré em que aplicou a si a profecia de Is 61, 1-2 como programa da sua atividade messiânica (Lc 4, 16ss).

A esta cena corresponde a de Act 2, 1ss: o mesmo Jesus Cristo, agora constituído definitivamente por Deus *Senhor e Messias* pela sua morte e ressurreição gloriosa (2, 36), foi Ele quem, no dizer de S. Pedro, *tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o, como vedes e ouvis* (2, 33). Também aqui, como realização de uma profecia do AT (Joel 3, 1-5) e como arranque da atividade missionária dos Apóstolos e outros mensageiros que a eles se vão agregando. É deles, ou melhor, do Espírito Santo que passa a habitar neles e a atuar por meio deles, que nasce a Igreja, também ela animada pelo mesmo Espírito.

O Espírito Santo na Igreja

O Pentecostes era, originariamente, uma festa agrícola. Celebrava-se nela a última colheita de cereais, sete semanas, que o mesmo é dizer, no “quinguagésimo” (em grego, *pentecostes*) dia depois da primeira – a dos pães ázimos que, a partir do séc. VI a.C., passou a estar ligada à da Páscoa, esta de origem pastoril.

Como todas as restantes festas, celebradas ao ritmo cíclico da natureza, também o Pentecostes adquiriu em Israel um cunho histórico-salvífico. Possivelmente, já no princípio da era cristã comemorava-se nela a aliança entre Deus e o seu povo, realizada através de Moisés no Monte Sinai (Ex 19-24). No seu centro estava a oferta da Lei de Deus de que faz parte o Decálogo e que, segundo uma tradição judaica, tinha sido proclamada nas línguas dos 70 povos do mundo, número indicativo do seu valor universal. De facto, sobretudo os mandamentos do Decálogo são aplicáveis a qualquer sociedade organizada.

Ora, se foi nesta festa que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, foi certamente por duas razões, ambas presentes em Act 2, 1ss:

1. Com Ele deu-se início a uma nova e decisiva fase da história do povo de Deus, a partir de agora constituído pela Igreja, fundada na nova e eterna aliança que Deus realizou em toda a humanidade pela morte e ressurreição de seu Filho, Jesus Cristo.
2. Consequentemente, da Igreja passaram a poder fazer parte, não apenas os judeus, mas qualquer pessoa que viesse a acreditar em Jesus Cristo e fosse batizada em seu nome.

A animar e unir os crentes estava o mesmo Espírito que tão solenemente descera sobre os Apóstolos. Era Ele – o Espírito de Deus, possuído de um modo único por Cristo ressuscitado – que permitia aos Apóstolos serem entendidos em todas as línguas (Act 2, 5-12). E é Ele que leva os crentes a serem *assíduos ao ensino dos Apóstolos, à Comunhão Fraterna, à fração do pão e às orações* (2, 42).

Por isso, “a Igreja, comunhão viva na fé dos Apóstolos, é o lugar do nosso conhecimento do Espírito Santo:

- Nas Escrituras, que Ele inspirou;
- Na tradição, de que os Padres da Igreja são testemunhas sempre atuais;
- No Magistério da Igreja, que Ele assiste;
- Na liturgia sacramental através das suas palavras e dos seus símbolos, em que o Espírito Santo nos põe em comunhão com Cristo;
- Na oração, em que Ele intercede por nós;
- Nos carismas e ministérios, pelos quais a Igreja é edificada;
- Nos sinais de vida apostólica e missionária;

– No testemunho dos santos, nos quais Ele manifesta a sua santidade e continua a obra da salvação” (CIC 688).

E é a esta Igreja que pertence o cristão de hoje, também ele animado pelo fogo do Espírito, para entender a Palavra que lê e se fazer entender, quando a proclama.»

Guia do catequista, pp.87-90.

Escutemos, de novo, o que nos ensina o Papa Francisco:

“Testemunhar Cristo — afirmou o Papa Francisco — é a essência da Igreja que, caso contrário, acabaria por ser só uma estéril «universidade da religião», impermeável à ação do Espírito Santo.

A meditação sobre a força do testemunho baseou-se no trecho litúrgico dos Atos dos apóstolos (7, 51-88, 1a) no qual se narra o martírio de Estêvão, que — explicou o Santo Padre — «é um calco do martírio de Jesus: os ciúmes dos dirigentes que procuravam excluí-lo, as falsas testemunhas, um julgamento apressado». Aos seus perseguidores, que não acreditavam, Estêvão disse: «Homens de cerviz dura, incircuncisos de corações e de ouvidos, sempre vos opondes ao Espírito Santo».

O Papa Francisco prosseguiu, observando que **«ser perseguido, ser mártir, dar a vida por Jesus é uma das bem-aventuranças»**. «Jesus não disse aos seus: “Pobrezinhos se vos acontece isto”, mas sim: “Felizes vós quando vos insultarem e perseguirem e disserem mal contra vós por causa do meu nome. Alegrai-vos!”».

É evidente que «o demónio não pode suportar a santidade da Igreja sem reagir. E contra Estêvão — disse o Pontífice — suscitou no coração daquelas pessoas ódio para perseguir, insultar e falar mal. E assim mataram Estêvão, o qual morreu como Jesus, perdando».

«Martírio, na tradição da palavra grega, significa testemunho», explicou o Papa. Assim «podemos dizer que **para um cristão a estrada prossegue nas pegadas deste testemunho de Jesus para dar testemunho dele**».

A questão central, frisou o Pontífice, é que o cristianismo não é uma religião só «de ideias, de teologia pura, de estética e mandamentos. **Somos um povo que segue Jesus Cristo e dá testemunho, quer dar testemunho de Jesus Cristo**. E este testemunho algumas vezes chega a dar a vida». Depois, o Papa recordou que «um dos padres da Igreja disse que o sangue dos mártires é semente dos cristãos». É precisamente o que acontece: «Explode a perseguição, os cristãos dispersam-se e com o seu testemunho pregam a fé». Porque, observou, «o testemunho é sempre fecundo». O Papa Francisco concluiu recordando como dos «dois ícones» propostos pela liturgia — Estêvão que morre e os cristãos que dão testemunho no mundo inteiro — surjam para cada um perguntas: «Como é o meu testemunho? Sou um cristão testemunha de Jesus ou um simples membro desta seita? Sou fecundo porque dou testemunho ou permaneço estéril

porque não sou capaz de deixar que o Espírito Santo me leve em frente na minha vocação cristã?».

Papa Francisco, Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Domus de Santa Marta, 6 de Maio de 2014, Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 19 de 8 de Maio de 2014.

O Animador suscita no grupo algumas respostas às questões enunciadas pelo Papa. Depois, prossegue, sintetizando:

“Mártires

Mártires são – na aceção hoje mais comum na nossa língua – por exemplo, os catequistas que tanto têm de suportar e sofrer, na realização da sua missão: além do tempo e do esforço que têm de despendar na preparação séria de cada encontro catequético, são, tantas vezes, confrontados com a irrequietude e a falta de interesse dos catequizandos, o alheamento dos responsáveis pela sua educação, o pouco ou nulo apoio das suas comunidades cristãs e seus dirigentes...

Mas, será, só e fundamentalmente, por isso que são – e bem – considerados mártires?

Em sentido mais propriamente teológico e eclesiológico, chama-se mártir ao cristão que sofreu a morte para testemunhar a verdade das suas convicções de fé. “O martírio é o supremo testemunho dado em favor da verdade da fé; designa o testemunho que vai até à morte. O mártir dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, ao qual está unido pela caridade. Dá testemunho da verdade da fé e da doutrina cristã. Suporta a morte como um acto de fortaleza. «Deixai-me ser pasto de feras, pelas quais poderei chegar à posse de Deus» (S. Inácio de Antioquia)” (CIC 2473).

Repare-se quantas vezes, nesta breve descrição do martírio, aparece a palavra “testemunho”. É nela que está o significado original do termo “mártir” e seus derivados, provenientes da língua grega – um significado primariamente jurídico: diz-se da pessoa que, sobretudo em tribunal, afirma ter visto, ouvido ou conhecido alguém ou alguma coisa que está a ser objeto de julgamento. Do seu depoimento pode depender a sentença que vier a ser proferida.

É primariamente neste mesmo sentido que Jesus, em Ap 1, 5; 3, 14, é chamado *Testemunha fiel*: uma testemunha sobre Deus, que só Ele conhece na sua máxima profundidade; um conhecimento que só Ele – qual *palavra* que, desde o *princípio* (isto é, desde a eternidade) *estava em Deus e encarnou entre nós* (Jo 1, 1.14) – transmite na sua existência terrena (Jo 1, 8); uma palavra de amor (3,16), que tem a sua expressão mais viva na hora derradeira dessa existência – a da crucificação a que foi condenado pelo tribunal romano (18, 28-19,30). Por ter levado assim o seu amor até ao fim, por isso Ele é, por excelência, a testemunha fiel de Deus, inesgotável no seu amor.

E é por este amor que Ele – após ter vencido para sempre, pela morte e ressurreição, a mentira e o pecado – conquista, pela fé, os seus discípulos: os de então e os de todos os

tempos. Cristãos que, também eles, encarnam na sua vida a mensagem que transmitem. É a eles que Ele, antes de subir ao Céu, diz:

“Sereis minhas testemunhas”

Estas palavras, transmitidas em **Act 1, 8**, são proferidas por Jesus ressuscitado, durante uma refeição com os Onze Apóstolos (Judas Iscariotes só será substituído mais tarde, Act 1, 15-26) e imediatamente antes de ser elevado ao Céu (Act 1, 4-11).

É uma cena que S. Lucas (o autor dos Actos dos Apóstolos) já havia descrito no seu Evangelho: Lc 24, 36-53. Aí, na sequência direta da aparição aos discípulos de Emaús (24, 13-35).

Estavam eles ainda a contar *o que lhes tinha sucedido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão*, quando *Jesus se apresentou no meio deles, dizendo-lhes: «A paz esteja convosco!»* (vv. 35-36).

Perante o espanto e o medo dos discípulos, que julgavam tratar-se de um espírito, Jesus mostra-lhes as mãos e os pés, os mesmos que haviam sido cravados na cruz. Não podia haver margem para dúvidas: *Um espírito não tem carne nem ossos, como verificais que Eu tenho* – diz-lhes Jesus (v. 39). E tão importante era esta identidade do Ressuscitado com o Crucificado, que Jesus chega ao ponto de comer diante deles. Só na certeza disso, os discípulos estavam em condições de compreender e aceitar o que Jesus lhes ia dizer a seguir. Eram então, e são para nós hoje, palavras fundamentais.

Antes de mais porque desfazem, de vez, as dúvidas acerca da condição messiânica de Jesus. Dúvidas provenientes da sua crucificação: um crucificado era considerado um amaldiçoado por Deus (cf. Gal 3, 13, com base em Dt 21, 22-23). Mas, como poderia Ele, nessa condição, ter ressuscitado dos mortos e tornar-se, para sempre, o Ungido ou Messias do Senhor, com os poderes divinos que isso lhe conferia?

A resposta tinha de vir do mesmo Deus. Por isso Jesus lhes abriu, então, o entendimento para compreenderem as Escrituras, isto é, o Livro da Palavra de Deus (até então o Antigo Testamento). E disse-lhes: *Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar de entre os mortos, ao terceiro dia* (vv. 45-46). O Deus que, na história passada do seu povo, havia, por exemplo, glorificado o seu Servo (uma figura profética, referida em Is 52,13-53,12), também Ele ignominiosa e injustamente assassinado, foi o mesmo Deus a quem Jesus se entregou totalmente na sua morte (Lc 23, 46) e agora, pela ressurreição, o constituiu *Senhor dos mortos e dos vivos* (Rm 14, 9). E para quê?

Para ser anunciada, em seu nome, a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém – acrescenta Jesus (Lc 24, 47). A conversão é a resposta humana à oferta do perdão, obtido por Jesus, ao morrer *pelos nossos pecados, segundo as Escrituras* (1Cor 15, 3). Um perdão extensivo a toda a humanidade. Daí o seu anúncio *a todas as nações*.

E é de tudo isto – anúncio do Evangelho e consequente apelo à conversão, em todo o mundo – que os discípulos são constituídos testemunhas, encarnando na sua vida o conteúdo do seu testemunho.

Sabemos hoje como eles realizaram essa missão e com que resultados, porque também tudo isso:

3. “Está escrito”...

Neste caso, é na segunda parte da Bíblia, a que chamamos Novo Testamento, e que se foi formando a partir do referido anúncio ou testemunho. Os Atos dos Apóstolos descrevem como o testemunho dos Doze, depois da descida do Espírito Santo (Act 2, 13s) – que, no dizer de Jesus, *foi prometido por meu Pai* (Lc 24, 49) – se foi estendendo desde *Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra* (Act, 1, 8). Da resposta da fé a esse Evangelho foram nascendo, por toda a parte, comunidades crentes que, para assim se manterem e crescerem, iam recebendo dos Apóstolos e outros mensageiros, a necessária catequese, umas vezes oralmente, outras por escrito.

Dos 27 livros do Novo Testamento, os primeiros a serem redigidos foram algumas das cartas de S. Paulo, a partir dos anos 50, a começar pela primeira aos Tessalonicenses. Vieram depois os quatro Evangelhos, escritos numa altura em que as principais testemunhas oculares já tinham morrido e para que o seu testemunho se não perdesse ou fosse mal interpretado.

Todo o Novo Testamento é, portanto, um dos frutos mais ricos e fecundos do testemunho apostólico, na maior parte dos casos consolidado e confirmado pelo martírio, no sentido exposto atrás, de oferta sangrenta da própria vida. Sofrimentos que, no dizer de Paulo aos cristãos de Colossos, *suporto por vós e com os quais completo o que falta às tribulações de Cristo, na minha carne, pelo seu Corpo, que é a Igreja* (Col 1, 24). Por isso a sua mensagem era tão bem aceite: além de ser ouvida ou lida, era vista ao vivo naqueles que a transmitiam.

O mesmo se diga do catequista, nomeadamente a propósito do método a seguir na catequese: “O carisma que lhe é dado pelo Espírito, uma sólida espiritualidade e um transparente testemunho de vida, constituem a alma de todo e qualquer método e só as qualidades humanas e cristãs do catequista garantem o bom uso dos textos e dos outros instrumentos de trabalho” (DGC 156). Qualidades que têm a sua raiz profunda em Cristo, que o chama e envia, através da sua Igreja e como sua testemunha.”

Guia do catequista, pp. 71-73.

ILUMINADOS PELO EVANGELHO

Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 10 min.

Lê-se Act 2, 1-41.

“Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam.

Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poitou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem.

Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta, pois cada um os ouvia falar na sua própria língua.

Atónitos e maravilhados, diziam: «Mas esses que estão a falar não são todos galileus? Que se passa, então, para que cada um de nós os ouça falar na nossa língua materna? Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egipto e das regiões da Líbia cirenaica, colonos de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus!»

Estavam todos assombrados e, sem saber o que pensar, diziam uns aos outros: «Que significa isto?» Outros, por sua vez, diziam, troçando: «Estão cheios de vinho doce.»

De pé, com os Onze, Pedro ergueu a voz e dirigiu-lhes então estas palavras:

«Homens da Judeia e todos vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às minhas palavras. Não, estes homens não estão embriagados como imaginais, pois apenas vamos na terceira hora do dia. Mas tudo isto é a realização do que disse o profeta Joel:

*‘Nos últimos dias, diz o Senhor,
derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura.
Os vossos filhos e as vossas filhas hão de profetizar;
os vossos jovens terão visões,
e os vossos velhos terão sonhos.
Certamente, sobre os meus servos
e as minhas servas
derramarei o meu Espírito, nesses dias,
e eles hão de profetizar.
Farei ver prodígios, em cima, no céu, e sinais, em baixo na terra:
sangue, fogo e uma coluna de fumo.
O Sol será transformado em trevas e a Lua em sangue,
antes de vir o Dia do Senhor, grande e glorioso.
E então, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.’*

Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio, como vós próprios sabeis, este, depois de entregue, conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus, vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa.

Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o domínio da morte. David diz a seu respeito:

‘Eu via constantemente o Senhor diante de mim,

*porque Ele está à minha direita, a fim de eu não vacilar.
Por isso o meu coração se alegrou
e a minha língua exultou;
e até a minha carne repousará na esperança,
porque Tu não abandonarás a minha vida na habitação dos mortos,
nem permitirás que o teu Santo conheça a decomposição.
Deste-me a conhecer os caminhos da Vida,
hás de encher-me de alegria com a tua presença. '*

Irmãos, seja-me permitido falar-vos sem rodeios: o patriarca David morreu e foi sepultado, e o seu túmulo encontra-se, ainda hoje, entre nós. Mas, como era profeta e sabia que Deus *lhe prometera*, sob juramento, que *um dos descendentes do seu sangue havia de sentar-se no seu trono*, viu e proclamou antecipadamente a ressurreição de Cristo por estas palavras: *'Não foi abandonado na habitação dos mortos e a sua carne não conheceu a decomposição.'*

Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis.

David não subiu aos Céus, mas ele próprio diz:

*'O Senhor disse ao meu Senhor:
Senta-te à minha direita,
até Eu pôr os teus inimigos
por estrado dos teus pés.'*

Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado.»

Ouvindo estas palavras, ficaram emocionados até ao fundo do coração e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos: «Que havemos de fazer, irmãos?» Pedro respondeu-lhes: «Convertei-vos e peça cada um o batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos seus pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo. Na verdade, a promessa de Deus é para vós, para os vossos filhos, assim como para todos os que estão longe: para todos os que o Senhor nosso Deus quiser chamar.» Com estas e muitas outras palavras, Pedro exortava-os e dizia-lhes: «Afastai-vos desta geração perversa.» Os que aceitaram a sua palavra receberam o batismo e, naquele dia, juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas.”

Este texto fala por si. Porém o(a) Animador(a) poderá sugerir uma breve partilha dos membros do grupo e terminar com a leitura do texto:

“A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentam-na os setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria (cf. *Lc 10, 17*). Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (cf. *Lc 10, 21*). Sentem-na, cheios de admiração, os primeiros que se convertem no Pentecostes, ao ouvir «cada um na sua própria língua» (*Act 2, 6*) a pregação dos Apóstolos. Esta alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar. Mas contém sempre a dinâmica do

êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além. O Senhor diz: «Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim» (*Mc 1, 38*). Ele, depois de lançar a semente num lugar, não se demora lá a explicar melhor ou a cumprir novos sinais, mas o Espírito leva-O a partir para outras aldeias.”

Papa Francisco, Exortação Apostólica *A alegria do evangelho*, 21.

Oração final:

Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do Vosso amor.

Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será criado,
E renovareis a face da terra.

Oremos:

Ó Deus,
que instruístes os corações dos vossos fiéis
com a luz do Espírito Santo,
fazei que apreciemos retamente todas as coisas
e gozemos sempre da sua consolação.

Por nosso Senhor Jesus Cristo,
na unidade do Espírito Santo.
Ámen.

II. Encontro das crianças

«Sereis minhas testemunhas»/«Ficaram cheios do espírito santo»

O(a) Catequista, depois de acolher as crianças e dialogar com elas sobre o *Diálogo em família*, faz uma catequese, sintetizando as catequese 2 («Sereis minhas testemunhas») e 3 («Ficaram cheios do espírito santo») seguindo o *Guia do Catequista*, da página 71-104.

Deve começar por recuperar cuidadosamente o que as crianças aprenderam sobre a missão atribuída a cada batizado – evangelizar – e a força e sabedoria que o Espírito Santo dá a cada discípulo empenhado na sua missão.

A Palavra, dada a sua densidade e extensão, é transmitida de modo faseado: só depois de se verificar que as crianças compreenderam o significado dos dois símbolos do Espírito (o vento e as línguas de fogo), se passa à ação do Espírito, primeiro em todos os

Apóstolos e a seguir, na pregação de Pedro. Este crescimento é apoiado pelo número e pela luz das velas: a 2ª leitura é acompanhada por uma vela, a 3ª por duas. Além disso, a 3ª leitura é feita de modo dialogado.

Em todo este processo, procure-se que as crianças sejam mais do que simples ouvintes ou espectadores. Afinal também elas, como cristãos, já vivem da ação do Espírito Santo, principalmente, desde o seu Batismo. A consciência disso facilitar-lhes-á a oração que são convidadas a fazer e no tempo até a próxima catequese que, deste modo, já começa a ser preparada, e de um modo vivencial.

Dada a extensão, a densidade e a importância desta **catequese**, aconselha-se, vivamente, que os catequistas a trabalhem em **duas sessões, na mesma semana ou em semanas contíguas**:

- *A primeira para a leitura e explicação* de Act 2, 1-4 e 2,5-8.12b. Pode terminar com uma invocação do Espírito Santo, através do cântico “Desça sobre nós, Senhor” e a oração “Vinde Espírito Santo”, ambos propostos na Experiência de Fé (n. 3 – compromisso).
- *A segunda, para o resto da Palavra* (Act 2, 14-17a.22-23.32.33.36-38.41) e a Expressão de Fé.

Na Expressão de Fé desenvolve-se a construção do painel até à sua conclusão. Os pais podem ser chamados a participar ativamente e o painel pode ser colocado junto do altar, na celebração eucarística. Os catequistas ou os pais podem preparar uns pequenos cartões com as inscrições do painel, por exemplo, «Reunidos no amor de Cristo, em todas as nações», que as crianças podem pintar e oferecer aos membros da comunidade presentes na eucaristia.

